REFLEXÕES SOBRE LEITURA DIGITAL

Martina Camacho Blaas[1]

martina.blaas@gmail.com

RESUMO

Este trabalho parte do pressuposto que a tecnologia na sala de aula – se usada de maneira adequada – pode ajudar muito o professor a tornar a sua aula mais dinâmica e motivadora. A falta de motivação do aluno é, na verdade, um dos maiores problemas que se enfrenta ao trabalhar com a habilidade da leitura, foco do presente estudo. Ao focar na língua estrangeira, especificamente na Língua Inglesa, o problema se torna ainda mais sério, uma vez que além da falta de motivação para a leitura, por si só, ainda há a barreira linguística. Porém tal habilidade não deve ser excluída ou vista como um ponto crítico da aula de LE, já que ela pode proporcionar o trabalho com as quatro habilidades que se procura desenvolver em um estudante de línguas, sendo isso mais fácil com textos digitais. Corroborando com esta análise, a terceira edição da pesquisa "Retratos da leitura no Brasil" incluiu, pela primeira vez, um estudo (na seção "Tendências") sobre aspectos da leitura no contexto digital, o que evidencia como tal prática está se tornando cada vez mais presente no cotidiano das pessoas e, consequentemente, na vida dos alunos (fora e dentro da sala de aula). A partir de tais considerações, propõe-se a reflexão de como a leitura digital está modificando a postura dos alunos de LE.

Palavras chave: leitura digital; tecnologia; língua estrangeira.

ABSTRACT

This paper defends the idea that technology in the classroom – if used properly – can help teachers a lot in making their classes more dynamic and motivated. The lack of motivation in students is, indeed, one of the main problems faced when working with the ability of reading, which is the focus of this study. By focusing on foreign language, specifically in the English language, the problem becomes even more serious, since besides the lack of motivation for reading by itself, there is also the language barrier. But such ability should not be excluded or seen as a critical point of the EFL class, since it can provide the work with the four skills which are the aims to be developed in language students, something easier with digital texts. Corroborating with this analysis, the third edition of the research "Retratos da leitura no Brasil" included, for the first time, a study (in the "Trends" section) on aspects of reading in

[1] Mestranda do Programa de Pós Graduação da Universidade Católica de Pelotas. VII SENALE – Pelotas, outubro de 2012.

the digital context, which shows how this practice is becoming more present in people's daily life and, consequently, the lives of students (inside and outside the classroom). From these considerations, it's being proposed a reflection on how digital reading is changing the attitude of EFL students.

Key words: digital reading; technology; foreign language

1. INTRODUÇÃO

A vida das pessoas é constantemente influenciada pelo meio em que vivem, pelo contexto em que estão inseridas, sendo a tecnologia um grande exemplo de modificação no dia a dia das pessoas. No entanto, tecnologia não consiste somente nos aparatos relacionados ao meio da informática, como a sociedade em geral costuma pensar. Tecnologia é algo que tem a função de tornar uma atividade passível de ser feita, ou que a torna mais dinâmica e funcional. Nesse sentido, entende-se que a tecnologia é algo que está presente na vida de todas as pessoas, uma vez que papel, lápis e caneta, por exemplo, podem ser consideradas tecnologias na vida de um estudante, professor, entre outros tantos profissionais e pessoas que lidam com tais ferramentas diariamente.

Se for pensado no campo da educação mais especificamente, a tecnologia é uma aliada forte de professores e alunos para a construção de conhecimento, já que além do lápis, caneta e papel, o professor utiliza(va) giz/caneta para quadro, quadro (branco ou negro), retroprojetores, mimeógrafos (aparelho utilizado para fazer a cópia de folhas), etc. Algumas tecnologias mais atuais (as que normalmente carregam o sentido de tecnologia pensado pela sociedade, citado anteriormente) utilizadas por professores são os quadros interativos, computadores, *tablets*, televisões, aparelhos de som, retroprojetores.

Todos estes aparatos devem servir para ajudar o professor a cumprir seus objetivos em sala de aula, porém de forma alguma irão substituir o profissional. Também não irão, por si só, tornar uma aula mais dinâmica e motivadora. Para que tais qualidades sejam alcançadas, o professor deverá também ter uma postura dinâmica, motivadora, capaz de identificar problemas e encontrar possíveis soluções. Dessa forma, acredita-se que as tecnologias devem servir ao professor, na medida em que são necessárias ou podem contribuir positivamente para a sala de aula como um todo. Sendo assim, se um professor sente que sua turma está

desmotivada, ou que suas aulas não estão sendo significativas, algo deverá também mudar na postura dele.

De fato, a desmotivação para cumprir as atividades em sala de aula é um dos grandes problemas enfrentados pelos professores atualmente. Dentre as atividades mais desmotivadoras na escola, uma está (infelizmente) constantemente presente: a leitura. Ao questionar sobre a leitura na escola, a comunidade escolar (principalmente professores, alunos e pais) dizem que tal atividade é, além de "desmotivadora", "não condizente com o contexto do aluno" e, por este motivo, "não significativa". Tudo isto, em conjunto com pesquisas[2] realizadas sobre tal tema, levam a crer que o Brasil é "um país de não-leitores".

Contudo, acredita-se que há uma incoerência em tal discurso, já que os alunos, em sua grande maioria, entram na escola motivados para a atividade de leitura. Sendo assim, pergunta-se: por que estes alunos mudam seu comportamento ao longo da vida escolar? É a partir desta pergunta, e com base na pesquisa "Retratos da Leitura no Brasil" que tal artigo será escrito. Tal estudo foi realizado em 2011, e divulgado em 2012. Esta é a terceira edição, porém a primeira em que uma "modalidade" específica de leitura foi incorporada: a leitura digital. Considera-se que a inserção da leitura digital na pesquisa é uma grande evidência de como tal prática está se tornando cada vez mais presente no cotidiano das pessoas e, consequentemente, na vida dos alunos (fora e dentro da sala de aula). A leitura digital é uma alternativa para vários fatores desmotivadores na atividade de leitura, já que combina tecnologia com rapidez de informação, portabilidade, entre outros benefícios que serão mencionados posteriormente. Sendo assim, acredita-se que a leitura digital deva ser objeto de reflexão e de incentivo dentro e fora da sala de aula.

2. OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

O objetivo geral do presente trabalho é refletir sobre como a leitura digital está sendo incorporada ao cotidiano das pessoas a partir de sua inserção na "Pesquisa Retratos da Leitura

[2] A pesquisa "Retratos da leitura no Brasil", a qual conclui que os brasileiros estão lendo menos livros, é um exemplo deste grupo de pesquisas as quais relatam um decréscimo no número de leitores.

no Brasil", para poder refletir também sobre aspectos motivadores ou não para os leitores em ambiente escolar, principalmente.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Revisitar o conceito de leitura tradicional;
- Discutir sobre o prestígio ou desprestígio de gêneros textuais não tradicionais na escola regular;
- Refletir sobre o papel motivador da leitura digital na vida dos leitores brasileiros;
- Analisar os resultados da "Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil".

3. LEITURA - TEORIA E PRÁTICA

Para possibilitar uma reflexão adequada sobre leitura em contexto digital ou não, seus aspectos motivadores e desmotivadores, e sobre a atual situação da leitura no Brasil, torna-se necessário entender qual é o conceito de leitura levado em consideração no artigo em questão. Todavia, primeiramente será refletido sobre o que é leitura para a nossa sociedade.

3.1 LEITURA E SOCIEDADE

No ambiente escolar, as concepções de leitura dos professores (principalmente) influenciam muito como será a relação posterior (a longo prazo) dos alunos com tal atividade. A má notícia é que muitos professores ainda definem a leitura em termos tradicionais, sem refletir sobre os textos que verdadeiramente serão significativos aos seus alunos. Definem como leitura válida prioritariamente textos canônicos, os quais são sim extremamente importantes para a formação do leitor e para o conhecimento da cultura nacional e internacional, os quais podem ser extremamente prazerosos para os alunos. O problema é impor a leitura de tais textos sem dar voz à vontade do aluno, sem dar espaço ao leitor para também poder definir o que ele quer ou não ler.

A escola deve proporcionar o ambiente para leitura de alguns textos aos alunos, pois entende-se que muitos destes não teriam acesso a esta literatura canônica se não no ambiente escolar. Porém, dizer que um determinado gênero textual é melhor ou pior que o outro, definir leitor como quem lê um ou outro determinado gênero textual é corroborar com a falsa ideia de que o "Brasil é um país de não leitores". São tais concepções arcaicas de leitura que desmotivam, muitas vezes, futuros e promissores leitores, já que são muitas vezes "impedidos" de ler o que realmente os interessa.

3.2 O QUE É, ENTÃO, LEITURA?

Para o presente trabalho, leitura é, em suma, um ato de interação. Conforme Leffa (1999, p. 2,3),

> O que se pretende é descrever a leitura como um processo de interação. Parte-se do princípio de que para haver interação é necessário que haja pelo menos dois elementos e que esses elementos se relacionem de alguma maneira. No processo da leitura, por exemplo, esses elementos podem ser o leitor e o texto, o leitor e o autor, as fontes de conhecimento envolvidas na leitura, existentes na mente do leitor, como conhecimento de mundo e conhecimento linguístico, ou ainda, o leitor e os outros leitores. No momento em que cada um desses elementos se relaciona com o outro, no processo de interação, ele se modifica em função desse outro. Em resumo, podemos dizer que quando lemos um livro, provocamos uma mudança em nós mesmos, e que essa mudança, por sua vez, provoca uma mudança no mundo.

A questão da interação é extremamente importante para a concepção de leitura pensada neste artigo, uma vez que a leitura já foi vista como uma mera decodificação. Ler um texto é muito mais do que simplesmente "passar os olhos sobre o mesmo", é provocar uma interação que terá como consequência uma mudança no leitor, sendo tal mudança justamente o que validará o processo. Para uma atividade ser significativa ela deve ter um objetivo e deve acrescentar algo na vida da pessoa – se for algo que não muda nada na pessoa, que não traz nenhuma novidade, será que permanecerá de alguma forma naquela pessoa? Será ela motivadora? Possivelmente não.

3.3 O QUE É LEITURA DIGITAL?

A leitura digital é qualquer leitura realizada em tela, ou seja, não é uma prática que se realiza através de um papel. É uma leitura mediada por uma tela de computador, de tablet, e-Reader, de um celular. Conforme Roger Chatier,

> o mais fundamental é que nesta leitura o texto não impõe sua organização (página, totalidade da obra, jornal). Cada leitor, em cada leitura produz o texto que lê a partir dos fragmentos reunidos, dos laços hipertextuais, das telas efêmeras e originais. Se apaga, assim, a relação entre o fragmento e a totalidade e, portanto, a percepção das obras e das totalidades textuais. (CHARTIER, 2008 em entrevista à FERNANDEZ, 2009, p.5)

Conforme fora mencionado por Chartier, o texto digital é formado por *laços hipertextuais*, ou seja, por blocos de informações (na forma de palavras, imagens ou sons), os quais permitem uma leitura além das fronteiras do texto, realizadas por ligações (*links*) que podem levar a outros pontos do mesmo texto e a outras páginas (no caso da internet). A partir de Levy uma das noções mais tradicionais de hipertexto fora desenhada:

> Tecnicamente, um hipertexto é um conjunto de nós ligados por conexões. Os nós podem ser palavras, páginas, imagens, gráficos ou partes de gráficos, sequências sonoras, documentos complexos que podem eles mesmos ser hipertextos. Os itens de informação não são ligados linearmente, como em uma corda com nós, mas cada um deles, ou a maioria, estende suas conexões em estrela, de modo reticular. Navegar em um hipertexto significa portanto desenhar um percurso em uma rede que pode ser tão complicada quanto possível. Porque cada nó pode, por sua vez, conter uma rede inteira. (LÉVY, 1993, p. 33)

É importante destacar, no entanto, que a leitura digital não é uma leitura realizada somente na internet, apesar de muitas vezes ocorrer a partir do espaço *online*. A leitura digital é, portanto, a leitura em tela somente, podendo ser conectada a uma rede de internet ou não, como quando a pessoa lê um texto que já está salvo no seu computador, tablet, celular ou e-Reader. Por se tratar de um ambiente diferente, de um contexto diferente, tal leitura pode provocar diferentes posturas de seus "praticantes".

> Hoje, observo que estamos diante de múltiplas textualidades, maneiras de ser leitor e de ler coexistindo em distintos espaços que a humanidade transita. A internet acoplada ao computador vem se constituindo num dos ambientes no qual a tríade leitor-leitura-texto está a cada dia que passa sendo redelineada e ressignificada, requerendo de nós, professores e pesquisadores, um olhar aguçado para compreendermos os diversos meandros e matizes dessa relação. (FERNANDEZ, 2009, p. 1)

A partir destas reflexões iniciais, responde-se a duas questões importantes para a formação da concepção de leitura: 1) O que é considerado leitura? e 2) Quais textos são validados? Leitura é, além de um processo de interação, uma tarefa complexa, pois envolve estar inserido em um contexto específico para a leitura, com aspectos físicos e psicológicos motivadores, a qual demanda concentração e prática. Se todos estes fatores forem estabelecidos com sucesso, a leitura provocará a já mencionada "mudança no leitor", o que possivelmente estimulará a busca por mais leituras, por mais conhecimento.

3.4 LEITURA E GÊNEROS TEXTUAIS

Para responder a segunda pergunta ("Quais textos são validados?"), levantada na subseção anterior, é importante refletir sobre os gêneros textuais. Acredita-se que os textos válidos como "leitura" são quaisquer que tenha alguma relevância para o leitor. Se o leitor tem algum objetivo, o qual poderá ser alcançado com a leitura de determinado texto, deve ser encorajado a procurar atingir tal objetivo através deste texto, seja ele de qual gênero for. O grande problema da comunidade escolar é, como já foi discutido brevemente, denominar quais os textos devem ou não ser lidos.

Considera-se importante que os professores apresentem o maior número possível de gêneros textuais aos seus alunos, já que a partir de tais gêneros os alunos poderão se comunicar nas diversificadas situações em que se encontrarem. Trabalhar com gêneros diversificados, apresentando suas características, seus usos, evidenciando estratégias de leitura, estimulando a escrita e prática dos gêneros relevantes para o cotidiano dos alunos é também uma forma de motivar a leitura. Se for considerada a diversidade de gêneros existentes, maiores serão, também, as chances dos alunos se interessarem por algum(se não mais de um) deles.

Os estudos sobre gêneros textuais são muitos, assim como as suas concepções. Neste artigo adota-se a definição oferecida por Marcuschi, na qual o gênero é visto como um ato comunicativo e funcional, a partir de uma determinada cultura:

> Os gêneros surgem, situam-se e integram-se funcionalmente nas culturas nas quais se desenvolvem e devem ser caracterizados mais pela suas funções comunicativas,

> institucionais e cognitivas do que por suas peculiaridades lingüísticas e estruturais. (MARCUSCHI, 2002, p. 20 *apud* NOGUEIRA, 2008, p. 79)

Conforme ainda os estudos de Marcuschi, a comunicação verbal somente é possível através de algum gênero textual, quando pensado em aspectos discursivos e enunciativos:

> Partimos do pressuposto básico de que é impossível se comunicar verbalmente a não ser por algum gênero, assim como é impossível se comunicar verbalmente a não ser por algum texto. Em outros termos, partimos da idéia de que a comunicação verbal só é possível por algum gênero textual. Essa posição, defendida por Bakhtin [1997] e também por Bronckart (1999) é adotada pela maioria dos autores que tratam a língua em seus aspectos discursivos e enunciativos, e não em suas peculiaridades formais. Esta visão segue uma noção de língua como atividade social, histórica e cognitiva. Privilegia a natureza funcional e interativa e não o aspecto formal e estrutural da língua. Afirma o caráter de indeterminação e ao mesmo tempo de atividade constitutiva da língua, o que equivale a dizer que a língua não é vista como um espelho da realidade, nem como um instrumento de representação dos fatos. (MARCUSCHI, 2002, p. 3)

Alguns exemplos de gêneros textuais, ainda conforme Marcuschi são a carta comercial e pessoal, telefonema, sermão, bilhetes, lista de compras, resenha, romance, bula de remédio, etc (Marcuschi, 2002, p. 4). Dentre os gêneros prestigiados pela escola estão o romance, a carta pessoal, a resenha, o artigo. Dentre os "não prestigiados" estão, em sua grande maioria, os gêneros impessoais, como o telefonema e o bilhete. É exatamente o preconceito com textos não considerados canônicos como estes últimos citados, que leva a sociedade a perder muitos leitores, que poderiam inicialmente interessar-se por tais gêneros e posteriormente por outros "mais tradicionais", ou até mesmo, se condizente com a sua realidade, seguir interessados "somente" em tais gêneros textuais desprestigiados. O importante seria que estariam lendo e desenvolvendo as técnicas e habilidades para saber comunicar-se de forma eficiente em diversificadas situações – além de terem mais acesso à informação e à cultura, o que proporciona um ambiente favorável para a formação de cidadãos críticos.

4. PESQUISA "RETRATOS DA LEITURA NO BRASIL"

A formação de cidadãos críticos está conectada ao ato de ler. Ler é conhecer o mundo em que estamos e que não estamos também, é saber adquirido sobre si e sobre os outros, sobre outras e a própria cultura e sociedade. É, portanto, uma forma de obtenção de

conhecimento, o que permite desenvolver a criticidade frente ao seu próprio contexto e a outros em que não se está inserido.

Sendo assim, muitas pesquisas estão sendo desenvolvidas para entender os motivos que levam ou não uma pessoa praticar a leitura e, dentro destes estudos, estabeleceu-se um como base para a posterior reflexão: a pesquisa “Retratos da Leitura no Brasil”.

4.1 CONTEXTUALIZANDO A PESQUISA “RETRATOS DA LEITURA NO BRASIL”

A pesquisa foi desenvolvida pelo Instituto Pró-Livro, o qual foi criado no final de 2006 pelas entidades do livro – Abrelivros, CBL e SNEL, sendo mantido com recursos constituídos por contribuições dessas entidades e de editoras, com o objetivo principal de fomento à leitura e à difusão do livro. (RETRATOS DA LEITURA NO BRASIL, 2012, p. 14)

É uma pesquisa que está em sua terceira edição (as outras ocorreram nos anos 2000 e 2007), tendo sido realizada entre 11 de junho e 3 de julho de 2011. É uma pesquisa que apresenta dados quantitativos, porém no presente trabalho pretende-se desenvolver uma análise qualitativa destes dados.

Os objetivos gerais da pesquisa são:

- Conhecer o comportamento leitor da população, especialmente com relação aos livros;
- Medir intensidade; forma; motivação e condições de leitura da população brasileira, segundo opinião dos entrevistados. (RETRATOS DA LEITURA NO BRASIL, 2012, p. 20)

Já os objetivos específicos da pesquisa são:

- Levantar o perfil do leitor e do não leitor de livros;
- Identificar a intensidade e forma de leitura de livros e apresentar os índices de leitura do brasileiro;
- Identificar as motivações e preferências do leitor brasileiro;
- Levantar o perfil do comprador de livros;

- Identificar e avaliar a penetração da leitura e o acesso ao livro;
- Conhecer a avaliação das bibliotecas públicas pelo seu usuário;
- Conhecer a percepção ou representações da leitura no imaginário coletivo;
- Conhecer o impacto dos livros digitais entre leitores e não leitores;
- Identificar as barreiras para o crescimento da leitura de livros no Brasil. (RETRATOS DA LEITURA NO BRASIL, 2012, p. 20)

De acordo com os organizadores da pesquisa, para esta edição foram ampliados "os objetivos específicos incluindo o estudo sobre o perfil dos leitores de livros digitais e ampliando questões para conhecer a avaliação das bibliotecas publicas pelos seus usuários" (RETRATOS DA LEITURA NO BRASIL, 2012, p. 20), o que despertou o interesse para a reflexão sobre a atual condição não somente da leitura como um todo, mas mais especificamente da leitura digital.

Os dados foram coletados através de entrevistas pessoais domiciliares face a face, tendo tido a pesquisa uma abrangência nacional. O recorte dos sujeitos são pessoas brasileiras, com cinco anos ou mais, independente de alfabetizadas ou não. Estima-se que a porcentagem da população representada pela pesquisa em 2011 seja de 93%.

Para a análise dos dados, é importante evidenciar os conceitos de "leitor e não-leitor levados em consideração na pesquisa. São eles:

> Leitor [é] o que declarou, no momento da entrevista, ter lido pelo menos um livro nos últimos três meses. [Já o] não leitor [é] o que declarou não ter lido nenhum livro nos últimos três meses (e mesmo quem leu em outros meses que não os três últimos ou mesmo que leu ocasionalmente). (RETRATOS DA LEITURA NO BRASIL, 2012, p. 21)

Outro conceito importante é denominado "índice de leitura": é o que irá referenciar a leitura realizada nos últimos três meses, anteriores a pesquisa, ou seja, é a partir de tal tempo estabelecido (três meses) que os leitores serão "medidos".

4.2 APRESENTAÇÃO E REFLEXÃO DOS DADOS

Apesar de grande parte das análises já feitas acerca desta pesquisa apontarem para um declínio no número de leitores e no índice de leitura dos sujeitos nesta terceira edição, quando feito um recorte para a população com perfil acima de 15 anos, com no mínimo três anos de escolaridade e que leu ao menos um livro nos últimos três meses, o resultado foi: o número de leitores aumentou em relação à edição anterior, diminuindo inexpressivamente, no entanto, a quantidade de livros lidos por pessoa.



Figura 1 – Comparação entre número de leitores/livros lidos por ano nas três edições da pesquisa

Algo interessante, é que justamente esta é a faixa-etária onde a maioria dos professores expõe encontrar dificuldades para despertar a atenção e motivação dos alunos para com a leitura. E, mais interessante ainda, é que o número de leitores de *livros* aumentou, ainda que a quantidade de livros lidos tenha baixado. Destacar tal aspecto significa dizer que o número pode ser maior ainda, se forem levados em consideração os outros gêneros textuais, muitos deles mais presentes na rotina das pessoas, como *e-mails*, bilhetes ou crônicas (“avulsas”, neste caso, já que existem livros de crônicas).

Já que foi constatado que as pessoas leem menos do que na segunda edição, uma das respostas procuradas na pesquisa foi saber o motivo para as pessoas se posicionarem de tal forma. A resposta mais citada foi relacionada ao interesse (como falta de tempo, desinteresse/não gostar de ler, preferência por outras atividades, não ter paciência ou somente

ler quando exigido). Outras questões mencionadas foram dificuldade e acesso, assim como 3% dos entrevistados que relataram não saber o motivo para estarem lendo menos.

Quando perguntado “Quais destes materiais você lê, mesmo que de vez em quando?”, os mais citados foram revistas e jornais (ou seja, materiais que estão fora do perfil de leitor considerado pela pesquisa), seguidos de livros indicados pela escola (o que ressalta a importância da influência da escola na escolha dos textos), livros (em geral), histórias em quadrinhos (vistos como “somente uma forma de diversão e não uma leitura válida” por alguns profissionais mais tradicionalistas ainda), textos escolares (mais uma vez a importância da escola na escolha do material), textos na internet, textos de trabalho, livros digitais (com um aumento pequeno de 1% - de 3% para 4%, em relação à edição anterior), áudio-livros e livros técnicos. A média de materiais citados por entrevistados aumentou de 2,74 (2007) para 3,01 o que ressalta, ainda que timidamente, a procura por diferentes fontes de leitura, que não somente o livro.

A partir da pergunta anterior, os participantes foram questionados acerca da frequência que leem cada material, tendo como opções: uma vez por dia, uma vez por semana ou uma vez por mês. Os materiais denominados “textos escolares” foram os mais mencionados sendo lidos uma vez por dia e por semana por 44% dos sujeitos que os citaram, e uma vez por mês por 12% dos entrevistados. Em segundo lugar constam os “textos na internet”: 38% dos sujeitos relataram ler uma vez por dia tais textos, 42% uma vez por semana e 20% uma vez por mês. Apesar de não serem a única fonte de leitura digital, os textos na internet são maioria dos textos digitais lidos pelas pessoas e, ainda, são textos lidos necessariamente em tela, ou seja, com o apoio de uma ferramenta tecnológica, apontando, neste momento, o importante crescimento da leitura digital na vida das pessoas – ainda que elas seguidamente não reconheçam tal crescimento.

Um outro resultado considerado, neste trabalho, como positivo é fato de a grande maioria das pessoas que leem afirmarem ler por prazer (75% dos sujeitos), enquanto 25% dos participantes afirmam que leem por obrigação. Além de ter aumentado em 5% a quantidade de pessoas que leem por prazer (com relação ao ano de 2007), é um número um tanto quanto expressivo dentro dos leitores, o que indica que, se leem por prazer, este grupo de leitores tem grandes chances de terem uma relação cada vez mais motivada para com a leitura, uma vez que leem por que gostam, quando e o que gostam.

Um dos temas abordados em perguntas foi, inclusive, justamente o mencionado anteriormente: motivação. Quando perguntado "Você lê, principalmente, por qual destes motivos? E em segundo lugar? E em terceiro?" A motivação mais citada é a atualização cultural/conhecimentos gerais (55%), seguida de prazer, gosto ou necessidade espontânea (49%); exigência escolar ou acadêmica (36%); motivos religiosos (31%); atualização profissional (23%), exigência do trabalho (9%). Alguns participantes (1%) declararam não saber qual a sua motivação para ler.

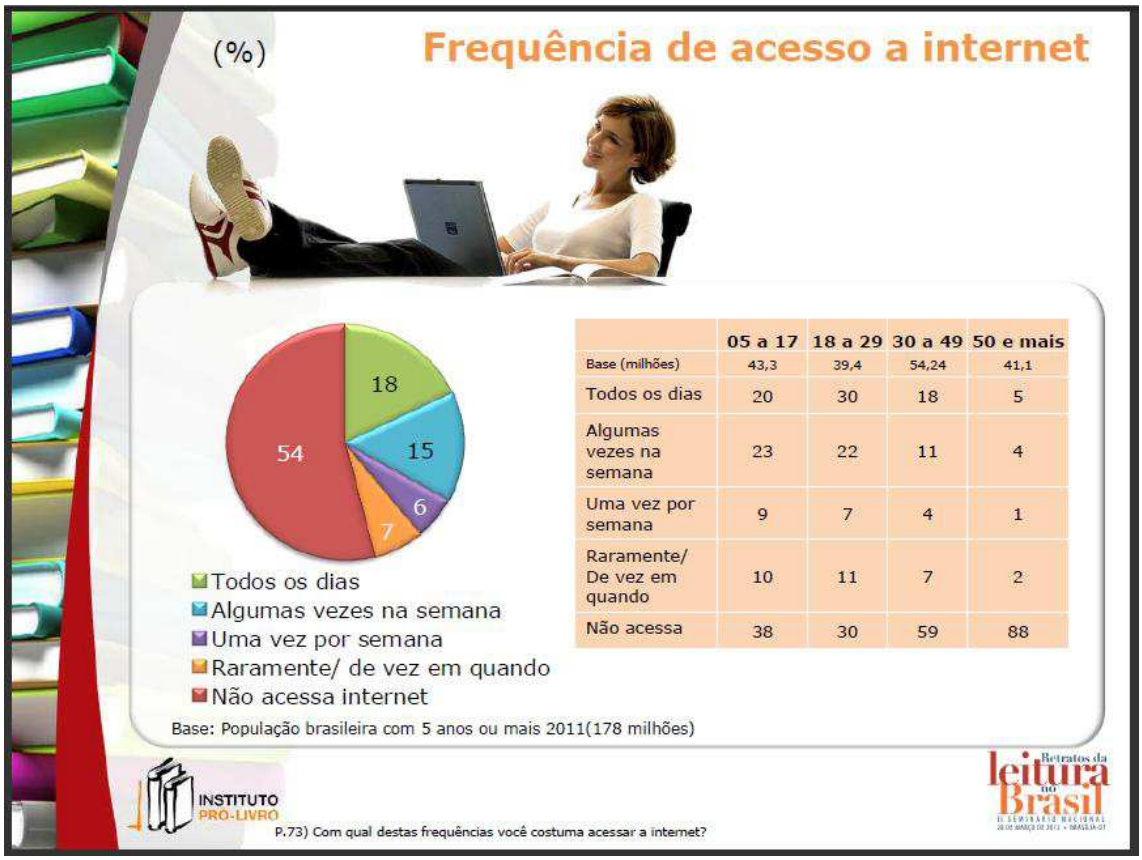
Nesse sentido, verifica-se que a maioria das pessoas ainda sente-se motivada para ler temáticas que sejam relacionadas aos seus objetivos pessoais, contextualizadas para as suas necessidades. Isso é um fator importante e que deve ser levado em consideração nas escolas, a qual é a (uma das) primeira(s) fontes de estímulo à leitura. Esta consideração vai ao encontro de uma outra pergunta feita pelos pesquisadores: "Qual é a pessoa que mais influenciou ou incentivou o seu gosto pela leitura? E em segundo lugar?" A pessoa mais influente, conforme os sujeitos da pesquisa, é o/a professor(a), tendo sido mencionada por 45% dos entrevistados, e ultrapassando a figura da mãe (ou responsável do sexo feminino), que ficou em segundo lugar (com 43%) nesta edição da pesquisa. Em terceiro lugar ficou o pai (ou representante do sexo masculino), com 17% das menções dos participantes. É importante compreender e refletir sobre a influência do professor e da escola no processo de formação e continuação do leitor e, sendo assim, os docentes devem manter reflexões frequentes sobre as temáticas e abordagens realizadas em sala de aula, uma vez que poderão ser decisivas na futura relação entre leitor e leitura.

Ainda no que diz respeito ao fator "motivação", foi perguntado qual dos fatores (pré-selecionados) são levados em consideração na hora de escolher um lugar para comprar livros. O fator mais citado foi o preço mais barato (47%), seguido de comodidade (33%), variedade (29%), proximidade (28%), entre vários outros mencionados. Todos estes aspectos são também características possíveis de compras realizadas em lojas virtuais, para comprar livros em papel, mas também (e cada vez mais prioritariamente) livros digitais. A maior livraria *online* anunciou em 2011 que as suas vendas de livros digitais ultrapassaram as de livros em papel[3], o que evidencia como a leitura digital está sendo também uma possível alternativa para demora na entrega, comodidade (poder comprar e ler o livro quando e onde quiser),

[3] Fonte: http://www.oficinadanet.com.br/noticias_web/3856/amazon-diz-que-venda-de-livros-digitais-supera-o-papel

variedade, além do preço, que tende a ser menor (apesar de ainda necessitarem de mais cortes no valor final para o consumidor).

Além de uma alternativa para eventuais fatores desmotivadores na leitura em papel, a leitura digital também necessita ser alvo de estudos para que se possa compreender melhor como que esta diferente forma de leitura poderá contribuir para a motivação dos leitores. Sendo assim, a pesquisa procurou compreender alguns fatores importantes para a leitura digital, como o acesso a internet. A internet é, de fato, a maior fonte de textos digitais, apesar de não ser a única. No Brasil, o acesso a internet ainda é um tanto quanto restrito, conforme demonstra a pesquisa.



	05 a 17	18 a 29	30 a 49	50 e mais
Base (milhões)	43,3	39,4	54,24	41,1
Todos os dias	20	30	18	5
Algumas vezes na semana	23	22	11	4
Uma vez por semana	9	7	4	1
Raramente/ De vez em quando	10	11	7	2
Não acessa	38	30	59	88

Figura 2 – Frequência de acesso a internet

A partir dos dados levantados, é possível constatar que apenas 18% da população acessa a internet diariamente, o que é um número ainda muito restrito. Se for pensado que, a maior fonte de textos digitais é justamente a rede mundial de computadores, a inserção da leitura digital se torna ainda mais importante, tendo em vista que, mesmo com o acesso restrito à internet, ela já pode ser vista como parte do cotidiano dos brasileiros, de forma ainda tímida, porém crescente.

Alguns dados interessantes levantados pela pesquisa foram: sobre os livros digitais, 30% dos entrevistados afirmaram já ter ouvido falar, enquanto 25% nunca ouviu falar, mas gostaria de conhecer e 45% nunca ouviu falar. Dos sujeitos que já ouviram falar, 17% afirmaram já ter lido no computador, 1% já leu no celular, e 82% dos entrevistados nunca leram livros digitais. Quanto ao perfil do leitor de livros digitais, a maioria são pessoas do sexo feminino (52%, enquanto o sexo masculino represente 48% dos leitores). Quanto à escolaridade, 43% são pessoas com ensino superior, 37% com ensino médio, 13% são pessoas que têm entre o 5º e o 8º ano do ensino fundamental e 7% são pessoas que possuem até o 4º ano do ensino fundamental. No que diz respeito à classe social foi observado que 53% das pessoas pertencem às classes A e B, enquanto 42% pertence à classe C e 5% pertencem às classes D e E. Com relação à região, a que tem menor número de usuários de livros digitais é a Sul (com 12%), em oposição à Sudeste, com maior número de usuários, com 47% dos usuários de livros digitais.

Com relação ao contato com livros digitais, a grande maioria declarou ter gostado muito (54%), enquanto 40% declarou ter gostado um pouco e 6% apenas declarou não ter gostado. Dos sujeitos que declararam não ler livros digitais, 48% declaram que podem vir a usar, 33% acreditam que nunca farão uso desta tecnologia e 19% não sabem. Finalmente, com relação aos dados, 52% acreditam que a oposição “livro digital X livro impresso” não deva existir, que ambas as formas de leitura irão conviver. Ainda assim, 17% das pessoas entrevistadas acreditam que os livros impressos continuarão, porém em menor número, enquanto 7% acreditam que: os livros impressos deixarão de ser publicados, sendo isso uma questão de tempo ou ainda que os livros digitais serão sempre para “poucos interessados”.

5. CONCLUSÃO

Não se pode negar: muitas pesquisas acerca da leitura apontam para um resultado negativo no Brasil, “estamos em um país de não leitores”, sendo essa a afirmação mais recorrente na sociedade. No entanto, deve-se levar em consideração não somente a apresentação e forma de coleta dos dados, mas também o que foi considerado para chegar ao resultado da pesquisa. No caso da pesquisa “Retratos da leitura no Brasil”, um fator decisivo para o resultado final (aumento no número de leitores, porém decréscimo no número de livros lidos por pessoa) é o conceito mais importante da pesquisa, o de “leitor”. Neste caso, somente foi considerado leitor quem leu ao menos um *livro* nos últimos três meses. Acredita-se, no

entanto, que há um equívoco em caracterizar quem é leitor, pois assim excluem-se pessoas que leem textos os quais não são/foram publicados em livros, como notícias, crônicas, contos, artigos entre tantos outros gêneros textuais que até podem ser publicados em livros, mas que muitas vezes são disponibilizados via internet ou em forma impressa individualmente.

Além disso, é necessário caracterizar um leitor pelo tempo decorrente de sua última leitura? Obviamente é importante estabelecer critérios para definição de alguns conceitos em qualquer pesquisa, porém um conceito tão importante como "ser ou não leitor" para uma pesquisa que procura caracterizar a leitura no Brasil deve ser estabelecido de forma mais criteriosa e cuidadosa, e não com somente dois questionamentos que levantam duas características (ter lido nos últimos três meses, e ter sido isto um livro). É importante considerar, por exemplo, que o perfil e os gêneros textuais mais procurados pelos leitores está em constante mudança e evolução, adaptando-se ao estilo de vida e às necessidades das pessoas. Tudo isto deve ser pensado ao caracterizar ou não alguém como leitor.

Apesar dos conceitos estabelecidos de forma restritiva, nota-se que o número de leitores cresceu entre 2007 e 2011 se considerado o grupo de pessoas com 15 anos, justamente um dos grupos com maior número de relatos como desmotivado para leitura (principalmente pelos professores). Se forem levados em consideração os outros gêneros textuais, bem como a frequência de leitura ampliada, relacionada ao perfil de cada sujeito (como gênero, ocupação, grau de formação escolar, etc.), este número provavelmente seria maior. Contudo, há de se ponderar que tal pesquisa foi desenvolvida por um grupo de editoras, o que justifica o foco em leitura de livros exclusivamente.

No que tange a leitura digital, mais uma vez é necessário destacar a importância de tal modalidade de leitura no dia a dia das pessoas, uma vez que ela está crescendo, ainda que o número de pessoas com acesso à internet seja ainda muito restrito (tendo em vista a internet como principal fonte dos textos digitais). Além disso, a pesquisa incluir a leitura digital como parte do estudo, demonstra como deve-se realmente estar aberto à futuras reflexões sobre as diferentes posturas e meios que os leitores estão se inserindo, especialmente se relacionado ao contexto de constante avanço tecnológico. Não se pode mais pensar a leitura de forma arcaica, ela deve também acompanhar a evolução tecnológica da educação. No entanto, há de se destacar, que felizmente a maioria das pessoas pensam que a leitura digital pode (e deve) conviver com a leitura impressa, tendo cada uma o seu momento, conforme as opções, objetivos e contexto de cada leitor.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. Os Gêneros do Discurso. In: Estética da Criação Verbal. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

FERNANDEZ, M. A. *Percursos e estilos de leitura – navegação nas redes digitais*. Congresso de Leitura do Brasil. 17º. 2009, Campinas. Anais do 17º Congresso de Leitura do Brasil , Campinas: Unicamp/FE;ALB, 2009. Disponível em: <http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais17/txtcompletos/sem16/COLE_3534.pdf> Acesso em: 01 out. 2011

LEFFA, Vilson J. Perspectivas no estudo da leitura; Texto, leitor e interação social. In: LEFFA, Vilson J. ; PEREIRA, Aracy, E. (Orgs.) *O ensino da leitura e produção textual; Alternativas de renovação*. Pelotas: Educat, 1999. p. 13-37.

LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência. O futuro do pensamento na era da informática.* Trad. Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: 34, 1993. (Coleção TRANS)

_____ *Cibercultura.* 2ª ed. Tradução por Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 2000.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, A. et al (Orgs.). Gêneros Textuais e Ensino. Rio de Janeiro: Cortez, 2002.

NOGUEIRA, Andrea Patricia. Uma experiência de aplicação de gêneros textuais para o ensino de Inglês. In: SIGNO. Santa Cruz do Sul, v. 33, n. 55, p. 78-95. Jul/Dez., 2008.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil. 3ª ed. São Paulo, fev. 2012. Disponível em: <http://www.prolivro.org.br/ipl/publier4.0/dados/anexos/2834_10.pdf>

VYGOTSKY, L. S. A Formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 2000.